

O rádio como educador de música: um panorama atual paulistano

Silvia de Lucca

Os meios de comunicação de massa têm difundido no Brasil um repertório limitado e homogêneo nos mais diversos aspectos e elementos musicais, tais como idade cronológica, duração, local de origem, gênero/estilo, melodia, ritmo, dinâmica, harmonia, contraponto, instrumentação, forma, linguagem, fraseologia. Tal prática se expande e se fortalece gradualmente desde a década de 60.

Do mesmo modo, o repertório musical transmitido atualmente na cidade de São Paulo, assim como qualquer outro objeto da moda, está significativamente estandardizado, embora, por desconhecimento ou intenção, seja difundido como diversificado, para atender às mais variadas preferências e exigências, conforme se caracteriza a tão heterogênea sociedade brasileira.

No campo musical — no referente aos diferentes processos de aprendizagem e desenvolvimento auditivo — a mera repetição de estímulos sonoros idênticos ou semelhantes é fator determinante, levando à *familiaridade* e até mesmo ao *vício* neles mesmos. A distinção na escuta, no caso, fica a critério unicamente do maior ou menor grau de *conscientização* e *reflexão* envolvidos em tal prática, habilidades estas desenvolvidas — ou não — durante a formação escolar, mais ou menos influenciadas pela mídia. Assim sendo, é importante considerar e pesquisar, em nossa realidade, o papel educativo musical tanto das escolas como dos meios de comunicação de massa.

Em oposição àquele quadro, acreditamos que o verdadeiro processo de educação ocorre quando se socializa o conhecimento, quando se possibilita aos cidadãos, indistintamente, acesso aos códigos da realidade em que vive, e quando se proporcionam meios necessários para que possam aproximar-se e familiarizar-se com vivências dos mais variados tipos e diferentes níveis de qualidade. Conseqüentemente, uma vez que a população em geral tenha adquirido o saber que lhe é de direito, estará apta e livre para usufruir ou não, inclusive do que hoje possa ser chamado de “elitista”. Este adjetivo terá sua existência garantida somente nas sociedades em que houver aqueles que não têm condições de alcançá-lo. Da mesma forma, o “gosto popular” só existe porque está implícita ou explicitamente relacionado aos que não puderam passar pelo processo de educação formal ou “de berço”.

Torna-se importante alertar que, embora a educação não seja *a priori* função dos meios de comunicação de massa, ao considerar o seu poder de alcance, somado às horas diárias que o povo brasileiro se atém junto a eles, e a baixa qualidade do ensino escolar em nosso país, pode-se naturalmente levantar a hipótese de que o rádio e a televisão estariam se configurando como a maior fonte de informação/formação entre nós. Seria talvez, neste sentido, a grande escola de educação generalizada, ou a mais atraente, rápida e eficaz.

Resta-nos alertar que, como *indústrias culturais* que são, os meios de comunicação de massa devem atender ao princípio do lucrobenéfico e portanto recorrem à criação e ao desenvolvimento de ardilosos mecanismos que direcionam o ouvinte para o interesse que mais convém a elas e ao sistema capitalista: à compra sem exigência. Neste caso, a

música como entretenimento parece ser a mais visada, uma vez que o “não pensar” é condição para a caracterização da compra.

Silvia de Lucca – musicista e psicóloga. Dedicar-se atualmente à composição, às atividades como docente em disciplinas musicais e, sobretudo, ao projeto *Música para Apreciadores de Música*, por ela idealizado e ministrado desde 1992, destinado ao público leigo, cujo tema serve também à pesquisa que finaliza na Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Em sua formação musical inclui-se também o estudo de piano e viola, e experiências como camerista, acompanhadora, madrigalista, membro de orquestra e assistente de regência coral.